UMA BIBLIOTECA: LEITURAS
A ASSINATURA RASURADA DE MILTON HATOUM¹

Milena Magalhães
Universidade Federal de Rondônia
milena_guidio@yahoo.com.br

Resumo: A violência que ocorre em toda constituição de arquivo se evidencia em torno da assinatura de Milton Hatoum pela negatividade atribuída ao conceito de regionalismo. Refletindo sobre a posição ambígua tanto do escritor, que lança mão de seu nome próprio para refutar alguns dos traços atribuídos a sua obra, quanto da crítica que não se afasta dos sentidos tradicionais do conceito, a questão, sempre mais de uma, como diria Jacques Derrida, é apontar que essa tensão está mais bem resolvida no estabelecimento da aporia presente em seus livros do que nas interpretações que se fazem deles. Para fazer derivar essas quase-proposições, segue-se de perto a “letra” de Derrida acerca das noções de arquivo, assinatura, nome próprio.

Palavras-chave: Arquivo; Milton Hatoum; Regional.

Abstract: The violence that occurs throughout the constitution of all archives is evidenced, in the case of Milton Hatoum, by negativity attributed to the concept of regionalism. Reflecting on the ambiguous position of both the author, who makes use of his own name to refuse some of the traits attributed to his work, as the critics who don't withdraw from the traditional senses of the concept, the question, always more than one, as would say Jacques Derrida, is to point that this tension is best resolved in the establishment of this aporia in his books, but not in the interpretations on them. In a way to derive these quasi-propositions, we follow very closely the “letter” of Derrida on the notions of archive, signing and own name.

Keywords: Archive; Milton Hatoum; Regionalism.

*A música se embala no possível,
no finito redondo, em que se crispa
uma agonia moderna.*
Carlos Drummond de Andrade

¹ “Uma biblioteca: leituras” é o título de um poema de Fabiano Calixto, que está no livro *Música possível*, de onde retirei também os versos do poema de Drummond para compor a epígrafe.

1.

Este texto² caminha pela generalidade do conceito de arquivo e do conceito em geral, próximo da “letra” de Jacques Derrida, em *Mal de arquivo* (e em outros livros), porém sem pretender especificar o que é da ordem do filósofo e o que já é consequência do movimento interpretativo. Prefere trabalhar com a indecidibilidade imposta pelo próprio Derrida que, manejando o vocabulário da psicanálise, de Freud, opera uma torção no conceito de arquivo, ao indicar a cena da artefactualidade e da ato-virtualidade, de modo suficientemente sugestivo para nos levar a pensar como a técnica transforma não apenas nossa relação com o presente, mas também com os saberes gerados no passado. Um exemplo encontra-se no livro, quando Derrida aponta algumas das próteses que já nos parecem obsoletas diante de outras que aparecem quase que diariamente (“...cartões telefônicos, MCI ou ATT, de gravadores portáteis, computadores, impressoras, fax, televisão, teleconferências e sobretudo correio eletrônico (*E-mail*)”³). Que outros *gadgets* seriam acrescentados e como influenciariam na leitura feita pelo filósofo? Se fosse o caso, ou o lugar de tratar disso, poderíamos nos perguntar qual seria hoje o “bloco mágico” de Derrida. Porém, o interesse agora é o de *derivar* a palavra, fazendo-a funcionar em outro contexto. No caso, nas cenas crítica e literária brasileiras contemporâneas.

Seria preciso fazer um esforço para pensar sobre cada uma destas palavras (cena – crítica – literária – brasileira – contemporânea) para vermos como estabelecem tensões com as variadas formas de experiência que circulam. Por ora, detenho-me na última, ou melhor, em alguns de seus traços, de modo que seja possível refletir sobre as outras posteriormente; não de modo geral, mas a partir de um caso *exemplar*: o do escritor Milton Hatoum. Em texto, Derrida designa *dois traços* que, para ele, constroem a atualidade em geral. Utilizando-se de duas palavras-valises (artefactualidade e ato-virtualidade), ele distingue a atualidade do presente, produzindo um efeito de intempestividade que põe em destaque o fato de que a atualidade é “*construída*”, “não é dada, mas ativamente produzida, crivada, investida, performativamente interpretada por um número de dispositivos *falsos* ou *artificiais*, hierarquizantes e seletivos, em geral a serviço de forças e de interesses que os ‘sujeitos’ e os

²As reflexões feitas aqui derivam dos estudos realizados no GEPCEC – Grupo de Pesquisa em Poética Brasileira Contemporânea, no qual se desenvolve a pesquisa “O regional como questão na literatura brasileira contemporânea”, com auxílio do CNPq.

³ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 28. Utilizo aqui a tradução de Claudia de Moraes Rego.

agentes nunca percebem totalmente”⁴. Esses dispositivos se dariam tanto num tempo como num espaço virtuais, chegando mesmo a estruturar o acontecimento produzido – seria a ato-virtualidade. Os *dois traços* produzem outro tempo, o tempo das mídias, o qual, por sua vez, “dá lugar, sobretudo, a outra distribuição, a outros espaços, ritmos, reservas, formas de tomadas de posição e de intervenção pública”⁵.

Pensando nesses sentidos, e no fato de a exterioridade do imenso arquivo encarregado de produzir a “memória” da literatura se apresentar atualmente no tempo e no espaço virtuais, o propósito é tratar de, no mínimo, duas questões: primeiro, incidir sobre as condições de constituição do arquivo de Milton Hatoum pela crítica, sempre muito próxima de uma negatividade que, ainda que camuflada por uma espécie de hospitalidade incondicional, é suficientemente barulhenta para passar despercebida. E segundo, como Hatoum, lançando mão de seu nome, refuta alguns dos traços atribuídos a sua obra. O movimento é bem mais complexo, e espero evidenciá-lo no decorrer deste trabalho, mostrando que a relutância, a resistência, não encontra acolhida no interior da sua ficção. A noção de assinatura de um autor passa pelo conjunto da obra e também pelo conjunto de sua interpretação; ambos são indissociáveis, apesar de, muitas vezes, conflitantes. Neste sentido, a obra de Hatoum, assim como a sua presença diferida demonstram bem a tarefa ao mesmo tempo possível e impossível de um arquivamento que dê conta de estabelecer um “cânone” contemporâneo, se definido como o que transcende o tempo e o espaço, decompondo todas as fronteiras.

Tarefa possível, porque, parece-me, falta algo ao tratamento geral dado ao presente quando se sustenta que, devido à heterogeneidade, à multiplicidade de linguagens, não é possível fazer qualquer afirmação sobre ele, no sentido de apontar o que seja significativo. Embora pulverizado em figuras distintas que não apenas a do crítico literário, o trabalho da crítica resulta na seleção, catalogação, ordenamento de um conjunto de nomes. Em suma, ainda cabe à crítica, no que se ressalte uma posição mais fragilizada, o gesto da inscrição. E o coro de vozes em torno de Milton Hatoum, ressoando, na maior parte das vezes, no mesmo tom, pode comprová-lo.

E tarefa impossível, porque o próprio estar-aí pode ocasionar diferenças, transtornos, enfim, rasuras, na posição *já* dada a um escritor. Esse trabalho infinito da biblioteca faz com que o arquivo seja também uma questão de futuro. Ou melhor, de porvir. Ainda

⁴ Idem. *Echographies de la télévision*, p. 11. Tradução minha.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 14.

Derrida: “O arquivista produz arquivo, e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro”⁶. O futuro, desse modo, não se confunde com posteridade, com imortalidade, mas, sim, com a possibilidade da promessa, que surge a cada vez que, diferentemente, um nome próprio é proferido, interpretado através de um texto que contribui para produzir sua assinatura. Até onde isso pode nos levar? A quem dá razão? E ainda, o que muda na crítica literária quando o escritor também pode ter lugar na cena crítica?; são questões transversais que, no entanto, contribuem para construir a centralidade da figura de Hatoum na literatura brasileira contemporânea.

Acredito que algo muda, mas que essa mudança não é rapidamente percebida, ou avaliada, como forma de pensar o presente, pois, para que fosse, seria necessário refletir sobre os “meandros da montagem e da repetição e, por extensão, a consideração da maneira pela qual o próprio discurso justifica suas ‘constatações’”. É o que atesta Marcos Siscar a respeito da dificuldade de considerar a análise como “‘acontecimento’ que trabalha explicitamente o problema da origem do sentido”⁷. E não me parece equivocado afirmar que, sendo assim, estaríamos diante do questionamento dos modos de arquivamento do presente e a responsabilidade advinda daí.

2.

Há mais de 20 anos, na cena literária brasileira, Milton Hatoum não é um nome entre outros. De iniciante promissor, que com *Relato de um certo oriente*, em 1990, ganhou o prêmio Jabuti de melhor romance, repetindo o feito em *Dois irmãos*, publicado onze anos depois, hoje ele faz parte de um seleto grupo de escritores em que se reconhece uma assinatura. E o reconhecimento da assinatura faz com que cada novo livro seja visto como um acontecimento. E abordado como tal. Se lá, em 1990, o arquivamento configurava-se como promessa; agora, ela aparenta ter sido cumprida. E o que pode haver de problema em um cumprimento de promessa? O que ocorreu entre o antes e o agora que merece ser especulado?

A tese, sempre mais de uma, como diria Derrida, é a de que o conjunto de fatores que produziu e continua a produzir o nome próprio Milton Hatoum passa pelas configurações dadas ao presente, pelo que surge como próprio do nosso tempo, ou de nós, contemporâneos de Hatoum, no que isso tem de imprecisão ao ser dito. Derrida propõe

⁶ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 88.

⁷ Siscar. Figuras do presente. In: *Poesia e crise*, p. 186-187.

que, quanto à assinatura (no caso, a de Nietzsche), não se trata apenas de “recebê-la”, mas também de “produzi-la”, pois a assinatura está sempre à espera do próprio acontecimento, e o acontecimento é confiado ao outro. Em uma paráfrase arriscada, pode-se dizer que um escritor não se torna, de fato, um escritor, não tem uma existência como tal, no ato da publicação, e sim quando seu texto é contra-assinado por outro, por outros, quase como se ao aspirante a escritor lhe fosse vedada a performatividade de proferir a frase “eu sou um escritor”, que só poderia ser dita por outro, através da confirmação de um outro. E isso devido ao fato de que a “assinatura não é simplesmente uma palavra, ou um nome próprio embaixo de um texto, é o conjunto da operação, o conjunto do texto, o conjunto da interpretação ativa que deixou um rastro ou um resto”⁸. Há, pois, uma tensão estabelecida com a “singularidade”, o “idioma”, o “apelo” da assinatura do outro, num movimento incessante, que acontece sempre, mas a cada vez e de maneira diferente. Neste “outro” que confere autoridade à assinatura de Hatoum, reconhecemos a crítica literária brasileira, que reitera a diferença de Hatoum, contraditoriamente, a partir do que já foi dito sobre ele. Torna-se tentador entrar no jogo citacional para averiguar se, de fato, o movimento incessante de legitimação leva em consideração a lógica do acontecimento – como o que acontece de modo inesperado ou como o que pode e não pode acontecer. Ou se o jogo da repetição, ao mesmo tempo que legitima, que sanciona uma posição, delimita-a em uma espécie de clausura da qual é difícil sair. Esse resto, ou rastro, deixado pelo texto, pela interpretação que se faz dele, pode perturbar “os espaços de arquivamento”, como afirma Derrida⁹, assim como, no mesmo movimento, estes deveriam ter a chance de serem perturbados naquilo que têm de assertivos.

Dito com outras palavras, que espécies de violência são geradas na formação de uma biblioteca que legitima uma assinatura? Ou, de um modo físico-espacial, num sentido de dicionário, o que ocorre no intervalo em que se decide quem pode ou deve ser depositado, ordenado, catalogado, na biblioteca? E de que maneira se passa o depósito, a ordenação, a catalogação? (Cf. Houaiss). Uma primeira violência aparece de imediato nesse movimento. A naturalidade que parece advir da ficha catalográfica com suas pequenas variações esconde a monstruosidade do fichamento, que de certo modo impede que algo de novo possa ser dito. Esta foi uma das razões que fez com que Derrida escrevesse do modo como

⁸ Derrida. *L'Oreille de l'autre: otobiographies, transfert traductions, textes e débats* avec Jacques Derrida. p. 72. Tradução minha.

⁹ Derrida. *Genèses, généalogies, genres et le génie. Les secrets de l'archive*. Tradução minha.

escreveu *Circonfissão*, à margem de “Derridabase”, texto em que Geoffrey Bennington criou uma espécie de base de dados do filósofo – para escapar. Tentativa.

Se a singularidade, a idiomaticidade, constitui uma assinatura, confere também uma *marca* (a assinatura é uma *marca*), e esta, inevitavelmente, pressupõe uma totalidade que interfere no por vir, pois tanto mapeia o que foi escrito como prescreve – ou parece querer prescrever – o que será feito posteriormente. A *marca* de Hatoum – e isto não constitui nenhuma novidade, por tratar-se de uma *marca* – é dada através de um locus definido, de existência “material”, uma demarcação geográfica – Amazônia (e a cidade de Manaus), que, por sua vez, carrega em sua construção simbólica as noções de regionalidade, que parecem lhe pertencer de modo indelével. Não sem problematizar, a maioria da crítica aferiu essa ligação e, com isso, pôs em movimento um imenso vocabulário para traduzir essa pertença. Uma ficção regionalista – ponto, vírgula e ponto de interrogação.

O problema no cumprimento de uma promessa – e começo a responder a pergunta feita anteriormente – reside no fato de que, uma vez cumprida, costumamos dá-la por encerrada. Entretanto, se assim for feito no caso do percurso de um escritor, estamos condenando-o ao desaparecimento. Esse deve ser o temor – mais e menos confessado – de qualquer um que precise lidar com a contra-assinatura. A formação do arquivo não pode cessar. O temor parece infundado no caso de Hatoum, se pensarmos na recepção de seus livros, mesmo nos últimos, na qual raramente se encontram ressalvas que possam abalar a sua posição. E se o perigo estiver justamente na voz uníssona, unânime? E se estiver no acúmulo da biblioteca?

Neste ponto, bem aqui onde parece não haver saída, é preciso dizer algo mais sobre a produção crítica brasileira dos últimos anos, principalmente sobre um movimento ainda pouco ou quase nada estudado, que consiste na proliferação de revistas acadêmicas nos “espaços virtuais”. Se o texto de crítica literária tem cada vez menos espaço nos grandes jornais (e, mesmo, essa figura de “grande jornal” está sempre em vias de desaparecer), não ocorre o mesmo quando se trata da visibilidade de pesquisas desenvolvidas nas Universidades brasileiras. A visibilidade aumentou consideravelmente não apenas porque, preferencialmente¹⁰, publica-se esse tipo de revista na Internet, mas, sobretudo, porque houve um grande aumento dos periódicos, devido ao crescimento dos cursos de pós-graduação no país. E se essa produção é acusada, por alguns setores, de endogenia e,

¹⁰ Em editais para apoio e incentivo à editoração e à publicação de periódicos científicos brasileiros prioriza-se “o apoio às revistas divulgadas por meio eletrônico, na Internet, em modo de acesso aberto, ou de forma impressa/eletrônica simultaneamente”; é o que preconiza o edital de um órgão como o CNPq.

acusação das acusações, de hermetismo, não se pode negar que, devido ao seu caráter *especializado*, funciona como um dos “arquivos” de legitimação. Afinal, a instituição é a lei, dita a lei e cuida para que seja cumprida¹¹.

Então, se um escritor tiver a *fortuna* de ser citado, contra-assinado, por outro que igualmente possui um nome com a autoridade que isso lhe confere, é quase certo que entrará no mecanismo de repetição que lhe dará legitimidade. E aí estamos finalmente no “caso” Hatoum.

3.

O mais do mesmo. Em 24 de setembro de 2000, no caderno *Mais!*, da Folha de São Paulo, Luiz Costa Lima iniciou um texto afirmando que “com apenas dois romances publicados, ... Milton Hatoum é um dos grandes ficcionistas do final do milênio”¹². Ele não foi o primeiro nem o último. Essa frase de abertura, retirada ou não dessa referência, não cessou de ser repetida na virada do milênio. Antes, em agosto do mesmo ano, Leyla Perrone-Moisés já afirmara: “Valeu a pena esperar 11 anos pelo segundo romance de Milton Hatoum. ‘Dois irmãos’ revela um notável amadurecimento do romancista, promissor em ‘Relato de um certo Oriente’, e agora dotado do domínio pleno de sua temática e de seus meios”¹³.

Outros nomes assinaram tal legitimação: Arthur Netrovski, Benjamin Abdala Júnior, Fábio de Souza Andrade, Flora Süssekind, Heitor Ferraz Mello, Michel Laub, Susana Scramin, Stefania Chiarelli¹⁴. Não é preciso muito esforço para reconhecer, nesses nomes, figuras importantes da crítica literária brasileira. Na euforia da ordem alfabética, na “ordem milenária e louca das letras”, a malícia de produzir “efeitos de sentido”¹⁵ ante tantos nomes.

O risco de discursos que demarcam a grandeza, a notabilidade, o domínio pleno, de um escritor consiste na sua monumentalização, na sua institucionalização. E devemos

¹¹ Ainda seria preciso averiguar outro movimento, que consiste no fato de muitos estudos sobre Hatoum em Universidades do Norte, mas não apenas, atribuir-lhe uma identidade que lhe nega a diferença, em leituras ditas “engajadas”, “políticas”, privilegiando-se o que pode aferir legitimação aos próprios cursos de pós-graduação recentes destas Universidades, o que faz ressoar a afirmação de Silviano Santiago: “Ler uma obra artística que saliente apenas os aspectos regionais de dado país, no próprio contexto regional que a significa, acaba redundando, na maioria dos casos, em exemplo lamentável de provincianismo”. Santiago, *O cosmopolitismo do pobre*, p. 168.

¹² O texto foi publicado, posteriormente em livro, no qual consta também o texto “O romance de Milton Hatoum”. Costa Lima. *Intervenções*, p. 305-323.

¹³ Perrone-Moisés. *A cidade flutuante*, s.p.

¹⁴ O arquivamento é nítido na reunião dos textos de crítica na página pessoal do escritor disponível no endereço: <http://www.miltonhatoum.com.br>

¹⁵ Barthes. *Roland Barthes por Roland Barthes*, p. 164.

suspeitar da monumentalidade como uma das formas de constituição da biblioteca, na medida em que ainda acreditamos que os próprios sentidos da arte e da literatura a inibem. Evando Nascimento, num texto sobre o “segredo” da literatura, congregado ao pensamento de Derrida, depois de alertar sobre o problema da monumentalização (no caso, dos textos de Derrida), indica uma das razões: “Em contrapartida, um monumento representa sempre uma construção ideal, um espaço de apropriação, o lugar em que o construtor poderá abrigar um dia seu próprio corpo assim defendido, protegido dos ataques ou dos acidentes vindos de fora”¹⁶.

Em contrapartida, correndo paralela ao risco de monumentalização, no trabalho da crítica sobre Hatoum, há uma fissura que diz respeito ao lócus – a cidade de Manaus. A Manaus de Hatoum? Existia uma Manaus antes de Hatoum? E se existia, ainda é possível percebê-la depois do acontecimento de sua obra? Ou as suas narrativas atravessaram de tal forma a nossa experiência que se tornou impossível vê-la de outro modo? Para não ser infinita a cadeia de questões, retomo um ponto da noção de arquivo, proferido por Derrida: “... Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior”¹⁷. Essa exterioridade permite dizer que, se existe hoje uma certa maneira de ver Manaus, não foi construída apenas por Hatoum. Ao contrário, faz parte do “conjunto”. Participa da técnica da repetição. Não apenas dizer a verdade, mas fazer a verdade. Edificá-la a partir da palavra de um, tornando-a palavra de outrem. O jogo de tradução da crítica assim constrói a cidade: “No universo ficcional de Milton Hatoum, Manaus sempre surge, como uma espécie de personagem, uma cidade entre a província e a turbulência da metrópole, um canto do mapa do país onde a vida parece sair dos modos mais arcaicos de produção para um capitalismo ruidoso e destruidor, pois é sempre precário”¹⁸.

Não se trata de uma inscrição como a de “Pierre Menard, autor de Quixote”, feita por Borges. É a formação de outro discurso, intermediado pelos sentidos do presente formalizados pela crítica. Um vocabulário imenso, mas ao mesmo tempo delimitado a um campo, surge nesta espécie de explicitação da temática de Hatoum: identidade, desterritorialização, migração, topografia, hibridismo, entre-lugar e, evidentemente, regionalismo, constituído como o nó que se recusa a ser desatado. Novas maneiras de

¹⁶ Nascimento. *O estrangeiro, a literatura – a soberania*: Jacques Derrida, p. 34.

¹⁷ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 22. Grifo do autor

¹⁸ Mello, Heitor Ferraz. *Romance é mais seco e mantém jogo de duplos*, s.p.

perceber a literatura são acionadas, num processo de afastamento, de recusa, dos sentidos da imanência textual.

Quando as críticas ao que se convencionou chamar de estruturalismo, ou mesmo ao que excedeu ao estruturalismo, ganhando o *codinome* de pós-estruturalismo, tornaram-se muito ensurdecedoras, o que mais se ouvia era a *delação* de que os textos escolhidos por essa gama de “nomes próprios”, obscurecidos então pelo efeito guarda-chuva da nomeação em bloco, *cabiam como uma luva* nos experimentos linguageiros daquele momento, no sentido de que eram também experimentais no que se referiam ao uso da linguagem. Contraditoriamente, ou não, dizemos o mesmo da recolha feita hoje. Num momento de privilégio aos aspectos não imanentes do texto, com raras exceções, o que se extraem das obras são seus extratos temáticos; daí vem a caça à fantasmagoria da identidade *periférica*. Manaus, a cidade esquecida, à margem, de um país, ele mesmo, à margem, num momento em que o pensamento da América Latina se debate contra a outra América e também contra o seu outro – a Europa, num movimento ambíguo de reafirmação mediante a recusa do outro e, ao mesmo tempo, acolhimento ao outro considerado seu igual.

É inevitável pensar que escritores como Hatoum, e sua legitimidade, acabam por se inserir como parte daquela exemplaridade que constitui a história da literatura brasileira, que, geralmente, distingue a experiência da experimentação. Ou havendo a experimentação, esta se encontra tão próxima da experiência que acaba por prevalecer. Pode-se dizer isso, mais, de *Relato de um certo oriente*, com sua marcação múltipla de vozes, que confere ao romance, ao gênero romance, uma instabilidade, um desconcerto. E, menos, do volume de contos *A cidade ilhada* e da novela *Órfãos do Eldorado*. Esta confere à Amazônia o documento, a história, a identidade. As lendas perpassam a narrativa sem que possamos dizer que o artifício da presença de um narrador tem a força de estabelecer a relação com os procedimentos da *ficção*. O que ressoa é a força do mito – descaracterizado por um presente destituído da ideia de mito. Embora não seja o que, de modo geral, a crítica diga, num gesto comparativo, também *A cidade ilhada* reverte em fórmula o que em outros livros eram traços potenciais de uma assinatura. Não falta unidade na reunião de contos escritos em ocasiões diversas. E talvez o problema seja justamente este. O que vemos é um painel de personagens que transitam em ambientes bem demarcados; porém, enquanto a ambientação é primorosa, as personagens, sem densidade psicológica, aproximam-se da caricatura: é um velho contador de histórias que compete com a televisão, um japonês que por ter dado um passeio de barco com uma professora quis que ela jogasse as suas cinzas

no rio Amazonas, é um pesquisador que no estrangeiro descobre uma carta de Euclides da Cunha. Hatoum parece optar pela ambientação. E sua escolha recai sobre uma Manaus do passado que deve ser historicizada para não cair no esquecimento. Fazer o inventário de palavras próprias da região Amazônica, ainda em comparação com *Relato de um certo oriente* ou *Dois irmãos*, também ajuda a identificar a mudança de registro, o *desvio*: “Lá pelo meio da tarde, a poucas horas de Nhamundá, uma passageira ofereceu merenda para todo mundo, e comemos peixe frito com farinha e banana”¹⁹. Retrato. Experiências de um lugar notificado como outro lugar, de uma gente como outra gente – região típica à margem. Parece ter havido uma sobreposição em que a cultura, a ideia de cultura, pode, enfim, ser derivada, de tal maneira que é possível estabelecer uma estranha assimetria: quanto mais, na condição de escritor que participa do arquivamento de sua assinatura, Hatoum rejeita o conceito de regionalismo literário, mais, no interior de sua obra, aproxima-se das construções simbólicas do lugar que escolhe para sua obra ter-lugar. Uma interpretação performativa que se debate contra o acontecimento de sua obra.

4.

“A questão de arquivos é uma questão política”²⁰. E aí entra a presença diferida de Milton Hatoum, que nega de modo peremptório o que mais lhe identifica: “regionalismo é falta de assunto”. O que há de monstruoso nessa *marca*? Em outro contexto, como uma “quase-proposição”, avantei a ideia de que os sentidos histórico-culturais contribuem para o mal-estar que permeia as discussões sobre o regional, pois, de modo geral, a crítica contemporânea parte das mesmas concepções definidas por críticos como Alfredo Bosi e Antonio Candido, que escreveram sobre o regional a partir de uma cena específica, de formação e consolidação da literatura brasileira, relacionando-o ao pitoresco, à cor local, à tipificação, ao sentido da terra. O que se fez desde essa “cena originária” foi disseminar, com poucas modificações, o que aí se diz. O sentido da palavra, já dado, quando sofreu modificações, serviu tão-somente para realçar a clausura, produzindo um recalque que dura até hoje. No excesso, faltou o suplemento que deveria enfatizar a contrariedade devido ao inevitável deslocamento do conceito, produzindo também um deslocamento nas teses que o sustentam. O risco da tese de Derrida:

¹⁹ Hatoum. *A cidade ilhada*, p. 48.

²⁰ Derrida. *Trace et archive, image et art*, p. 98. Tradução minha.

...todas as teses freudianas são fendidas, divididas, contraditórias como os conceitos, começando pelo conceito de arquivo. Assim se passa com todos os conceitos: sempre se deslocando, porque não fazem nunca um consigo mesmo. O mesmo ocorre com a tese que põe e dispõe destes conceitos, da história destes conceitos e sua formação, assim como de seu arquivamento²¹.

Ora, se, no caso do conceito de regional, a contrariedade está disseminada, a tese que a produziu continua inalterada: o regional não interessa porque funciona como sinonímia de atraso, subdesenvolvimento e, na atualização dos vocábulos, margem, periferia, de modo que a antonímia não é mais do que uma consequência: a palavra-valise “universal”, como valor positivo. A ironia reside no fato de que mesmo as linhas críticas que se voltaram contra categorias que sustentavam as violências contra lugares *à margem, periféricos*, não fizeram o mesmo com o conceito de regional, que continuou sendo posto, nestes estudos, como portador de uma mácula, como prova da dificuldade de sair de um espaço de dominação. Assim, toda uma *vizinhança* da região ganhou novo status, cumprindo, agora, o papel de demonstrar que a identidade se faz na diferença – bem ao gosto do culto às diferenças, mas não a região, o regionalismo, atrelados que estão aos sentidos ordinários do exótico. A contradição é flagrante, mas não infundada, e tem a ver, como já dito, com a formação e a história do conceito. É o que justifica a reiteração de argumentos que se utilizam de diversas estratégias ora para manter a presença do regionalismo ora para suprimi-la das configurações dadas a Milton Hatoum²².

Na *Folha de S.Paulo*, quando do lançamento de *A cidade ilhada*, o clichê é reiterado: não é regional porque é universal, embora o que seja apontado como clichê diga respeito apenas ao primeiro termo. O pensamento do escritor:

Hatoum rejeita o rótulo de regionalista. E mais, considera necessário rever certos clichês construídos a partir desse conceito. “Graciliano Ramos não foi regionalista, mas um escritor brasileiro e universal, assim como Machado de Assis”. ... Para ele, a noção de regionalismo virou algo datado e deve ser contestada, porque pressupõe que exista em oposição a um romance central. “Kafka era da periferia, Flaubert, da província, García Márquez, também do interior. O que interessa é o que o escritor faz a partir de um centro simbólico, de um chão histórico”²³.

²¹ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 110.

²² A Geografia humana tem desenvolvido trabalhos sobre essa discussão de uma maneira que me parece bastante fundamentada e da qual poderíamos nos valer: “Se a região e a regionalização não desapareceram, não é somente porque a diferenciação e/ou a ‘desequalização’ do mundo continuam fortes, mas também porque, numa visão mais integrada e vivida e não simplesmente funcional e classificatória de região, continuam vivos os movimentos, as identidades, as representações e as políticas ditas regionais”, é o que afirma Haesbaert. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea*, p. 181.

²³ Colombo. Milton Hatoum contesta conceito de literatura regionalista, s.p.

O argumento é forte, e não sem razão. Entretanto algo pode ser acrescentado para fazer ver que a comparação é regida por uma ordem de valores que pode ser contestada, pois à medida que parece combater a generalidade de um pensamento, o “clichê”, torna-o ainda mais sólido. Ainda que se desloquem noções dominantes, ao afirmar que “Kafka era da periferia, Flaubert, da província, García Márquez, também do interior”, é com o manto da universalidade, reivindicada para Graciliano Ramos e Machado de Assis, que se quer recobrir a mancha da regionalidade. Se “o que interessa é o que o escritor faz a partir de um centro simbólico, de um chão histórico”, por que querer totalizá-lo, colocá-lo na generalidade, negando, de certo modo, a sua diferença? Em outras palavras, um chão histórico não é qualquer chão, um centro simbólico indica uma subjetividade. No entanto, se levarmos o argumento às últimas consequências, tanto a historicidade como a carga simbólica deveriam ser apagadas para dar lugar ao que também é uma abstração, ou, dito de outro modo, uma construção histórica que só existe porque se sustenta na ideia de que há um universo outro, este sim, poderoso, decisivo – o lugar onde se almeja chegar. Deseja-se apagar o regional, mas não o universal. Ainda é a lógica que parece dizer que a existência só se justifica se o ponto de chegada for *lá*. Mas por que pressupor que a universalidade é *lá*? As mudanças de paradigma crítico não seriam suficientes para rasurar essa vontade de pertencimento a outro lugar? Sim e não. O remédio e o veneno. Ora o remédio, ora o veneno. Ou, ainda, a aporia que não tem como ser resolvida.

A tese derridiana de que “o arquivamento tanto produz quanto registra o evento” contém não a solução, mas a explicação para o impasse. A relação que se tem no presente com o conceito de regionalismo literário foi determinada desde sua origem, o que demonstra “que o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado”²⁴. Define também os seus modos de uso. Se não fosse assim, rasuraríamos com mais eficácia os sentidos negativos de regionalismo e cessaríamos de produzir discursos polarizadores com o universal. Assim, não estaria em jogo o que é e o que não é, mas o “como é, daquela vez, e mais de nenhuma vez”. A lógica do acontecimento sem a força da exemplaridade. A relação com a origem se perderia e poderíamos ver na relação singular que a obra de Hatoum mantém com o lugar e com o que ali lhe interessa uma das formas de construção de sua literatura. Uma forma tão em evidência que não deixa de ser percebida por quem a lê. E ele rastrearía os mitos da Amazônia, o estar à margem, a região,

²⁴ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 28-29.

a regionalidade, enxertando ali sentidos não presentes na origem, já perdida. E se fosse julgado importante tocar na questão do conceito, a questão seria: como se dá o regional em Milton Hatoum, e não evocá-lo para, logo em seguida, negá-lo. A relação continuaria sendo problemática, sem dúvida, devido à contradição ser inerente ao conceito de “conceito”. Ainda um ponto de convergência com Derrida, quando afirma: “Jamais encontrei conceito que coubesse numa palavra. Será preciso se espantar com isso? Terá algum dia havido conceito que seja verdadeiramente nomeável? Quero dizer, nomeável com um único nome ou com uma única palavra? O conceito exige sempre frases, discursos, trabalho e processo: texto, numa palavra”²⁵. A nomeação é, pois, o problema que não se deixa resolver, conquanto que o lugar da tentativa é no texto, no próprio arquivo.

Tal enfrentamento é o que eu deveria ter feito em texto sobre Hatoum escrito em 2010²⁶. A intenção consistia em apontar a diferença desse escritor, que, a meu ver, negava boa parte das “verdades” do tempo presente. Na primeira parte, apontava para a sua narrativa nos moldes tradicionais, que suprimia, em parte, os traços postos como dominantes da literatura contemporânea. Na segunda seção, demorando-me na composição do romance, pela via da discussão sobre a memória, refletia sobre o estranho percurso dos romances de Hatoum, que vão do relato às cinzas. Entretanto essa reflexão é arruinada logo no início pela repetição do gesto da recusa tal como enunciado a seguir:

Embora ele faça de Manaus, a cidade onde nasceu, um espaço geográfico e mítico, os traços não são de uma literatura que extraia desse fato o seu qualificativo; por exemplo, literatura regional. O lugar periférico, descentrado, sim, está lá, porém a sensação de desterritorialização, de distância do cenário econômico e cultural brasileiro, conhecida por qualquer um que nasce e vive na Amazônia, é transposta para a paisagem humana²⁷.

Se não fosse esse gesto, eu teria me dado a chance de discutir como o conceito tradicional de regionalismo sofre uma torção em *Cinzas do Norte*, romance então analisado. Não que houvesse incoerência no que eu queria à época especificar. O que me incomoda, hoje, é a reflexão pautada no consenso, em dissonância com o que o poderia tirar de consequências do livro. Sem desaparecer por completo, a presença do regionalismo aparece como rastro, que é uma prova já diferida do passado. Presentificada desde o título, a marca regional passa ora pelo processo de confirmação, ora de negação, no sentido de que os estereótipos construídos tanto em torno da região Norte quanto do regionalismo

²⁵ Derrida. *Papel-máquina*, p. 270. Utilizo aqui a tradução de Evando Nascimento.

²⁶ Magalhães. O hiato do presente.

²⁷ Magalhães. O hiato do presente, p. 152.

atravessam o romance, podendo ser acionados pelo leitor (como, de fato, foram, ainda que com as ressalvas de que “sendo, não é”). Para utilizar as palavras de Silviano Santiago, a tensão entre o cosmopolitismo e o nacional na literatura brasileira não se resolve. Mas é justamente essa irresolução o que constitui o romance de Hatoum, o que justifica o seu acontecimento, daí porque serem inúteis considerações de que o romance *funcionaria* em qualquer outro lugar, portanto o que importa é a “paisagem humana” que se desenha neste lugar – como dito por mim naquela ocasião. É um argumento frágil que pode ser derrubado fazendo-se a mais simples das comparações. Se a tal “paisagem humana” fosse transposta para outro lugar, onde não existissem os rios, a floresta ou a história de Manaus, já seria outro romance, e não *Cinzas do Norte*. Aí, sim, não faria sentido discutir as questões postas. Os próximos romances de Hatoum, certamente, podem ser ambientados em outros lugares, o que não invalida a afirmação de que, nos livros publicados, há marcadores textuais que permitem uma relação, ainda que diferida – como, aliás, ocorre com todo conceito quando deslocado da tese que o recobre –, com o conceito de regional. Ou seja, marca que possibilita uma remarcação, o que é diferente de afirmar que não há marca. Ainda que um trabalho gigantesco de negação do Norte, da Amazônia, como região fosse empreendido, não haveria como se desprender de suas representações simbólicas. E a literatura não é uma “vítima” dessas representações, uma vez que estas também se fazem em seu discurso, de modo que deveria interessar a questão de como se rasura um conceito tradicional quando em contato com o texto literário – espaço de dobras carregadas de resto. Nesse caso, a literatura de Hatoum bem poderia ser um lugar de enfrentamento desse tipo de coisas.

O que parece estar em jogo, entretanto, é a dimensão política da formação do arquivo de categorias como nacional, regional, universal, que são determinadas de modo distinto pelas linhas discursivas que formam o cenário crítico brasileiro. Para indicar que está em curso uma desconstrução desses termos, Silviano Santiago, colocando o termo universal entre aspas, afirma que ele “vem sendo abalado e questionado por todos os estudiosos e ativistas políticos que percebem que, na constituição da noção filosófica de universalidade, estabelecida pela razão iluminista no século 18, estava embutida uma decidida *homogeneização* do resto do mundo pelos padrões colonizadores da civilização europeia, dada então como indiscutivelmente hegemônica”²⁸. Seria preciso um longo enunciado para dar conta de todas as implicações ditas por Santiago neste livro, que aponta

²⁸ Santiago. *O cosmopolitismo do pobre*, p. 171.

a nossa dificuldade de estabelecer parâmetros críticos para discutir a cultura brasileira. Por ora, limito-me a dizer que, ao dar crédito ao que ele afirma na citação, é estranho averiguar que boa parte do discurso crítico acerca da literatura de Hatoum, inclusive o do próprio escritor, se aferre ao termo universal com tanta veemência, como se fosse o único que pudesse lhe dar legitimidade.

Em texto publicado recentemente em livro, mas que já havia aparecido, em 2006, na revista *Novos Estudos Cebrap*, Roberto Schwarz, numa reflexão sobre o arquivo crítico de Machado de Assis, também discute a “falsa dualidade” dos termos universalismo e localismo, sugerindo que se deve “duvidar da universalidade do universal, ou do localismo do local...”²⁹. Atribuindo sentidos à palavra crítica de outros, Schwarz realiza um movimento engenhoso quando parece fazer com que seja Machado, e não ele, que encontra solução para a questão. A resposta estaria, assim, não na crítica, que ora pende para Martinha, ora para Lucrécia³⁰, mas na “dramatização” de Machado que, com sua costumeira ironia, traria à tona as contradições que impedem a escolha entre uma e outra. A resposta, ou melhor, a abertura da resposta só pode ser a da via sugerida pelo “refinado procedimento machadiano do *finale* em falso, ou do *finale* inaceitável, na verdade uma provocação...”³¹. Faz parte, evidentemente, da discursividade elaborada do crítico, mas a provocação salientada contribui para o que se defende aqui: o que Hatoum realiza em seus livros está em conflito com o que ele e boa parte da crítica dizem acerca da presença do regional em sua obra. Há, ali, questões muito mais vitais para a sua condição de escritor, devido ao fato de ele escrever acerca de um espaço territorial sobre o qual normalmente não se escreve, e esse espaço ser carregado de simbologias, do que nas negativas peremptórias arquivadas. Não se trata de aceitar o rótulo, de acolher a essencialidade da marca, a totalidade da nomeação, mas, sim, de considerar o rastro, de creditar essas discussões a sua obra, vendo o rastro como o que parte de uma origem, mas que dispersa essa origem. A violência da seleção, da catalogação, desse rastro no arquivo continuaria a existir, e isso porque “não há arquivo sem violência”³², porém a possibilidade de ser depositada ali, ao invés de uma contrariedade que só carrega a “pulsão de morte”, uma contrariedade que forçasse a torção de outro arquivamento – o do regional – permitiria que se participasse de modo mais incisivo nas questões do presente. E isso porque um

²⁹ Schwarz. *Martinha versus Lucrécia*: ensaios e entrevistas, p. 29.

³⁰ O título que enfeixa o livro não deixa dúvida de que trata a personificação: Martinha é o localismo e Lucrécia, o universalismo.

³¹ Schwarz. *Martinha versus Lucrécia*: ensaios e entrevistas, p.33.

³² Derrida. *Trace et archive, image et art*, p. 128.

conceito está sempre em formação, carregando a sua inadequação às forças que o compõem. Participar dessas “tensões, contradições ou aporias” possibilita considerar o arquivamento como promessa, como por vir, muito mais do que como simples registro do passado³³. A agonia está em não saber como *embalar* esta possibilidade no presente – para fazer ressoar de modo mais nítido a intencionalidade da epígrafe.

Referências

- Barthes, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- Calixto, Fabiano. *Música possível*. São Paulo: CosacNaify; Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. (Coleção Ás de colete)
- Colombo, Silvia. Milton Hatoum contesta conceito de literatura regionalista. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u503813.shtml> Acessado em 04 de novembro de 2012.
- Costa Lima, Luiz. *Intervenções*. São Paulo : Editora da universidade de São Paulo, 2002.
- Derrida, Jacques. *L'Oreille de l'Autre : otobiographies, transfert traductions, textes e débats avec Jacques Derrida*. Dir. Claude Lévesque e Christie V. Macdonald, Montreal: VLB, 1982.
- _____. *Echographies de la télévision* (entretiens avec Bernard Stiegler). Paris: Galilée, 1996.
- _____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de M. Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Derrida. *Trace et archive, image et art*, p. 98. Disponível em : http://www.jacquesderrida.com.ar/frances/trace_archive.htm Acessado em: 04 de novembro de 2012. Tradução minha.
- _____. *Genèses, généalogies, genres et le génie. Les secrets de l'archive*. Paris: Galilée, 2003.
- _____. *Papel-máquina*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- Haesbaert, Rogério. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

³³ Derrida. *Mal de arquivo*, p. 44.

Hatoum, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A cidade ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

Magalhães, Milena. O hiato do presente. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_09/149_Pag_Revista_Ecos_V-09_N-03_A-2010.pdf Acessado em 04 de novembro de 2012.

Mello, Heitor Ferraz. *Romance é mais seco e mantém jogo de duplos*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200508.htm> Acessado em: 03 de novembro de 2012.

Nascimento, Evando. O estrangeiro, a literatura – a soberania: Jacques Derrida. *Revista de letras*, São Paulo, 44 (1), 2004. p. 33-45.

Perrone-Moisés. *A cidade flutuante*. Disponível em http://www.miltonhatoum.com.br/wp-content/uploads/2011/03/DoisIrmãos_Acidadeflutuante_Jornalderesenhass.jpg Acessado em 02 de novembro de 2012.

Santiago, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Schwarz, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Siscar, Marcos. Figuras do presente. In: *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2010.